

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n1p273>

HAYES, Patricia; HONWANA, Luís Bernardo; MOTA LOPES, José; SAÚTE, Nelson; SILVA, Raul Calane da; THOMPSON, Drew. **Ricardo Rangel**: insubmisso e generoso. Maputo: Marimbique, 2014. (Imagem como Memória: fotografia e história em Moçambique)

Bruna Nunes da Costa Triana

Universidade de São Paulo
E-mail: brunatriana@usp.br

De que forma recordar e, ao mesmo tempo, prestar homenagem às grandes personalidades da história nacional moçambicana sem, no entanto, monumentalizar o passado? Que memória é possível acessar por meio das trajetórias pessoais e sociais de seus principais atores e do legado de suas produções? A obra *Ricardo Rangel: insubmisso e generoso*, publicada em 2014, pela editora moçambicana Marimbique, coloca essas questões de maneira bastante atual. Resultado do “Projeto Ricardo Rangel”, iniciativa do Centro Cultural Kulungwana, cujo intento foi divulgar e estudar a obra do fotógrafo a partir de uma perspectiva interdisciplinar, o livro traz em detalhes os debates e as reflexões levadas a cabo pelo projeto, com artigos memorialísticos e acadêmicos sobre a vida e a obra do fotógrafo Ricardo Rangel.

Antes de tudo, é necessário enquadrar essa personagem do imaginário nacional moçambicano em um contexto mais amplo de sua vida e atuação. Sua trajetória é abordada em quase todos os textos que compõem a coletânea; todavia, vale ressaltar alguns elementos que servem de pano de fundo para a composição das análises. Ricardo Rangel nasceu em 1924, em Lourenço Marques, hoje Maputo. Mestiço, viveu entre a “cidade de caniço” (negra) e a “cidade de cimento” (branca). Iniciou sua relação com a fotografia em meados dos anos

1940, como auxiliar em um estúdio na então Lourenço Marques. Em 1952, foi contratado pelo jornal *Notícias da Tarde*, sendo o primeiro não branco (como se referem os textos do livro) a trabalhar para um periódico do país.

Sua consolidação profissional pode ser sintetizada nesse período – isto é, entre as décadas de 1950 a 1970 –, quando passou por jornais importantes, como *Diário de Moçambique* e *A Tribuna* – este último, uma experiência fundamental para o desenvolvimento de sua carreira profissional como fotógrafo, lembrada por quase todos os autores dos artigos que compõem o livro. Em 1970, juntou-se a alguns amigos jornalistas e fotógrafos – como José Mota Lopes e Rui Cartaxana – para, então, fundar o famoso semanário *Tempo*, que atuou como uma publicação importante de oposição ao governo colonial português e com uma proposta inovadora para a imprensa da época – tratava-se de uma revista com uma proposta editorial e gráfica vanguardista, de capa colorida, repleta de fotos, reportagens especiais e artigos de opinião. Já na década de 1980, Rangel fundou o Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFFF) e a Associação Fotográfica Moçambicana (AFM), locais onde se encontra seu acervo. Faleceu em 2009, em Maputo, tendo um funeral com honras de Estado e ao som de Charlie Parker, tal qual desejava.

O livro conta com diversas fotos já famosas de Ricardo Rangel, e que já tiveram uma razoável circulação internacional; mas apenas os artigos de Drew Thompson e Patricia Hayes travam um diálogo mais aberto e direto com as imagens – são textos que, de fato, privilegiam a análise e interpretação das fotografias, que, por sua vez, sustentam parte do argumento de seus respectivos ensaios.

O livro, em si, que conta com 18 fotografias de Rangel, não traz legendas nas imagens, tampouco datas ou locais. Esse é um aspecto, diga-se, problemático da coletânea, algo que deve ser levado em consideração, na medida em que, para ver as imagens, assim como quando se lê um texto, é necessário um contexto ou ao menos algumas pistas, de modo que o leitor possa se localizar e, mais que isso, que ele possa situar as imagens. Como pontou Walter Benjamin, em sua *Pequena História da Fotografia* (1994b), a legenda deve intervir na fotografia, situando-a no tempo e no espaço, deslocando o olhar

e convertendo o assombro inicial em consciência e conhecimento. Em outro ensaio já consagrado, ao discutir as transformações na arte e na experiência, juntamente com as mudanças do valor de culto para o valor de exposição, da recepção contemplativa para a recepção tátil, o filósofo alemão escreve sobre o fotógrafo francês Atget, pautando como suas imagens são dotadas de uma significação política latente; portanto, essas fotos orientam a recepção em um sentido predeterminado: “A contemplação livre não lhes é adequada. Elas inquietam o observador, que pressente que deve seguir um caminho definido para se aproximar delas” (Benjamin, 1994a, p.174-175). Tal consideração é mais que válida no caso do fotógrafo moçambicano, uma vez que sua atuação política se entrelaça com sua prática fotográfica, sendo inseparável de sua obra o comprometimento ético e político.

Sendo assim, apesar de os artigos trazerem muitas informações e dados sobre o contexto da vida e obra de Ricardo Rangel – algo importante, visto a escassa produção analítica sobre essa importante personalidade da história moçambicana –, não há um diálogo direto com as fotografias que compõem o livro; e, com a falta de informações sobre as imagens, é difícil para o leitor precisar devidamente os momentos em que elas foram capturadas e, com efeito, desvendar seus mistérios e opacidades, suas mensagens e lacunas.

Na introdução, Luís Bernardo Honwana pontua aspectos fundamentais da trajetória de Rangel, sua militância anticolonial, sua participação em associações e suas ligações com o Partido Comunista Português, bem como a experiência em periódicos importantes do campo jornalísticos da época, especialmente n’*A Tribuna*. Com isso, demonstra em que medida, na vida e no legado artístico do fotógrafo, caminham lado a lado o inconformismo com a realidade que (vi)via e a generosidade de espírito. Amigo próximo e de longa data de Rangel, Honwana coloca o fotojornalista ao lado dos grandes nomes da cultura moçambicana, como Noemia de Souza, José Craverinha e Malagantana. A principal questão que coloca, a si e aos leitores, é a mesma que nos serve, aqui, de mote: como prestar homenagem a esses nomes, figuras nacionais que lutaram e inspiraram a consciência nacional? Como manter viva, na memória coletiva do povo moçambicano, a luta e a

obra desses nomes? E, em especial, é possível constituir uma memória coletiva nacional a partir das imagens de Ricardo Rangel, do mesmo modo que com a poesia de Noemia e Craveirinha, por exemplo?

O livro é dividido em duas partes constitutivas: a primeira, intitulada “Colóquio”, com as falas do debate realizado em Maputo que fecharam o “Projeto Ricardo Rangel”; a segunda, “*In Memoriam*”, com duas breves falas em memória à morte do fotógrafo. Na primeira parte, o sociólogo e amigo de Rangel, José Mota Lopes, apresenta um apanhado crítico e histórico de como ler Rangel, desvelando mais precisamente a forma como ele foi lido por diversos sujeitos, em diferentes momentos histórico. Mencionando desde textos já conhecidos a críticas em jornais internacionais, Mota Lopes esboça um panorama instigante de como Rangel foi construído no campo jornalístico – sua trajetória dentro desse universo como parte e objeto dele. Nesse sentido, o sociólogo e historiador faz um inventário, por assim dizer, da maneira como o fotógrafo apareceu em textos, tanto do princípio de sua trajetória – desde às menções da polícia política (Polícia Internacional e de Defesa do Estado – PIDE) à sua pessoa até às crônicas jornalísticas sobre sua primeira exposição fotográfica –, quanto das críticas nacionais e internacionais datadas da época em que seu trabalho fotográfico foi para as galerias de arte do mundo, sendo reconhecidas por seu valor artístico e documental.

Mota Lopes tece como hipótese que os temas fotográficos de Rangel guardam uma força expressiva e política, pois está preocupado em denunciar o momento colonial. As imagens, nesse sentido, guardam uma potência, poética e engajada, que as fazem ressoar até os dias de hoje. Para trazer as palavras do autor: “que tipo de comunicação se estabelece entre os indivíduos ou coisas que fotografou ao longo da sua vida, que dizem elas sobre o fotógrafo e como se relacionam conosco que os olhamos hoje? Como ler esses textos? Que linguagem usam? Como ouvir suas vozes?” (p. 34). Essas questões deixam entrever a preocupação de Mota Lopes em olhar para essas fotografias como fontes sócio-históricas, mas também em olhá-las para além disso, enxergando-as como potências de pensamento, devires, como pistas para observar o presente.

Por sua vez, o sociólogo Nelson Saúte busca caracterizar o que é o fotojornalismo e, especificamente, como nasceu e se consolidou essa tradição no campo jornalístico moçambicano. Ao traçar tal história, o autor explicita como a figura de Ricardo Rangel é, mais que inescapável dentro desse panorama, fundamental para que o fotojornalismo tenha se constituído e crescido em Moçambique, especialmente nas experiências do jornal *A Tribuna* e da revista *Tempo*. Saúte, ao apresentar os diversos nomes que, ontem e hoje, compõem o cenário da fotografia jornalística no país, mostra como elas estão intimamente ligadas a essa figura que ele chama de “tutelar e inspiradora” que fora Ricardo Rangel.

Os outros dois artigos dessa primeira parte analítica são os dos historiadores Drew Thompson e Patricia Hayes. O artigo de Thompson tem como questão localizar o fotógrafo em um campo político e artístico mais amplo, bem como avaliar sua importância, ou seja, procura pensar suas relações e posições dentro do campo fotográfico, jornalístico e político da época, assim como os diferentes usos e significados atribuídos à sua produção imagética. Com isso, procura “desvendar [a] iconicidade de Ricardo Rangel” (p. 53), recorrendo às experiências fotográficas de *A Tribuna*, por exemplo, e analisando a utilização das imagens de Rangel nesse jornal, sua interlocução com as legendas e com os textos, suas repetições e os sentidos construídos em torno delas. O texto analisa, ainda, as relações do artista moçambicano no tempo colonial e no pós-independência, de modo a averiguar como as suas fotos apareciam e circulavam nos dois contextos. Nessa medida, a análise se esforça para “desvendar o poder das imagens de Ricardo Rangel, os significados atribuídos às suas imagens ao longo do tempo e as formas como foram usadas” (p. 60).

Patrícia Hayes, por sua vez, examina a série fotográfica “Pão nosso de cada noite” (Rangel, 2004), pensando a relação entre mulheres e vida urbana. Partindo da pequena *intelligentsia* formada em Maputo, na última parte do período colonial, e das inter-relações e cruzamentos na obra desses poetas, jornalistas, músicos, pintores, acadêmicos e fotógrafos, Hayes pergunta: “qual é a distribuição do que é possível dizer e do visível na última parte da era colonial e inícios do Moçambique pós-colonial? [...] Quais são os limites do que pode ser dito e do que

é visível no respeitante as mulheres africanas numa cidade?” (p. 65-66). Dessas interrogações, a historiadora passa a refletir em torno da questão urbana, situando a trajetória de Rangel em relação à cidade (onde nasceu, com quem se relacionou, os jornais pelos quais passou), de forma a conectar a produção imagética do fotógrafo com a modernização de Lourenço Marques – modernização que aparece em suas contradições em muitas fotos de Rangel. Esse argumento leva a autora a estudar a série “Pão nosso de cada noite”, série fotográfica sobre a “economia da noite” de Lourenço Marques e a dinâmica do encontro entre o caníço e o cimento. Hayes analisa, assim, o cruzamento de olhares, os movimentos que as imagens dessa série possuem e como essas fotografias da noite e da boemia – em que a ordem racial e colonial era posta em xeque – dilatam as áreas do que pode ser visto e dito.

Por fim, na segunda parte do livro, Calane da Silva e Luís Bernardo Honwana escrevem breves textos *in memoriam* a Ricardo Rangel. Calane da Silva relembra as várias faces de Rangel – esposo, amigo, irmão, fotógrafo, militante –, seu inconformismo perante as injustiças sociais que viu e viveu. Honwana, no mesmo sentido, engrandece a paixão do fotógrafo pelo *jazz*, a vida intensamente vivida, enfim, a figura de “olhar inquisitivo, o ricto pugnaz do famoso caçador de imagens em plena ação de esquadriñar a vida” (p. 93).

Não se pode negar que o livro desempenha um papel importante na divulgação da vida e, sobretudo, da obra de Ricardo Rangel. Os artigos trazem diversas leituras, interpretações e entradas para o leitor interessado, permitindo que ele, cruzando esses textos da forma que melhor lhe soar, constitua uma experiência com a trajetória e a produção de Rangel, montando um quebra-cabeça dessa figura tão relevante da história contemporânea de Moçambique. De fato, diante de uma personagem tão complexa e intensa, é inevitável que algumas peças fiquem de fora desse caleidoscópio. Os editores têm consciência disso; inclusive, esse é um dos trunfos do livro: atíçar nos leitores o desejo de saber e conhecer mais sobre Ricardo Rangel, indagar e problematizar sua produção e suas imagens para além das contidas nas páginas do livro.

Nessa medida, algumas das perguntas colocadas por Mota Lopes são essenciais para incentivar novas questões, análises e, com isso, reavivar, continuamente, o interesse e a memória de Ricardo

Rangel, sem transformá-lo, todavia, em um monumento estático do passado: “nessa obra, para além da sua mensagem decididamente anticolonialista, o que é que os olhares, os gestos, as faces, os corpos por ele fotografados nos querem dizer? Refiro-me, também, aos contextos, aos enquadramentos de ambiente, de fundo, de cenário, ao jogo de luz e sombra, ao contraste, aos objetos que o fotógrafo incluiu e com que faz as suas fotografias. Ao que não está entre tudo aquilo, em suma, que ele deixa de fora da sua objetiva, ao que ele pretende que seja visto” (p. 34). São questionamentos e propostas de pensamento que ressoam o pensamento benjaminiano, uma vez que as fotografias tornam visíveis aspectos não presentes nas narrativas historiográficas, elas colocam o passado no presente, confrontando-os: afinal, “elas captam o que nenhum texto escrito pode transmitir: certos rostos, certos gestos, certas situações, certos movimentos” (Löwy, 2009, p. 13).

Ora, as respostas às questões colocadas no início desta resenha não são fáceis, nem possuem uma fórmula pronta; porém, como apontou o próprio Mota Lopes, é na contínua problematização das potências que esses grandes nomes nos trazem, tanto por meio de suas trajetórias – que, no limite, se entrelaçam com a própria história do país –, como por meio de suas fotografias, poemas, pinturas, que sua memória – de suas obras, claro, mas também a memória coletiva e a história nacional – será constantemente atualizada.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

LÖWY, Michel. Introdução. *In*: LÖWY, Michel (Org.). **Revoluções**. São Paulo: Boitempo, 2009.

RANGEL, Ricardo. **Pão Nosso de Cada Noite**. Maputo: Marimbique, 2004.

Recebido em 20/11/2016

Aceito em 24/06/2017